VOZES DA GUERRA

PERSPECTIVAS DE 16 PAÍSES

CICV

Junto com a iniciativa global Vozes da Guerra, realizada pelo Comitê Internacional da Cruz Vermelha (CICV) em 16 países, diversas pesquisas de Vozes da Guerra de menor escala foram realizadas por oito parceiros do Movimento Internacional da Cruz Vermelha e do Crescente Vermelho nos seus países. Confira os respectivos websites para saber mais: Cruz Vermelha Austríaca, Cruz Vermelha Canadense, Cruz Vermelha Dinamarquesa, Cruz Vermelha Finlandesa, Cruz Vermelha Italiana, Cruz Vermelha Neerlandesa, Cruz Vermelha Norueguesa e Cruz Vermelha Sueca.

CICV

Comitê Internacional da Cruz Vermelha
19, avenue de la Paix
1202 Genebra, Suíça
T +41 22 734 60 01 F +41 22 733 20 57
shop@icrc.org www.cicr.org
© CICV, dezembro de 2016

Foto da capa: M. Saman/Magnum Photos for ICRC
Ilustrações: Yona Lee SA

INTRODUÇÃO

POR PETER MAURER, PRESIDENTE DO CICV

Escutar a opinião das pessoas é parte essencial do nosso trabalho nas linhas de frente. O relatório Vozes da Guerra 2016, que se baseia em uma pesquisa global realizada de junho a setembro pelo grupo WIN/Gallup International e os seus parceiros locais, reflete os pontos de vistas de 17 mil pessoas em 16 países. As constatações são ao mesmo tempo tranquilizadoras e perturbadoras.

Este relatório chega em um momento crítico. As últimas duas décadas foram arruinadas por conflitos armados, com consequências devastadoras. Os conflitos atuais destroçam vastas áreas do mundo. Como a pesquisa revela, um número cada vez maior de pessoas aceita a morte de civis como parte inevitável da guerra. Enquanto isso, a efetividade e a relevância das Convenções de Genebra e dos seus Protocolos Adicionais, cujas normas buscam proteger os civis, pessoas detidas e feridas durante o conflito, estão sendo questionados talvez mais do que em qualquer outro momento da história recente. Essas tendências são preocupantes.

Porém, ao mesmo tempo, existe quase que uma concordância universal de que todos têm direito à assistência à saúde durante conflitos. Uma maioria igualmente avassaladora condena e rejeita os ataques contra hospitais, ambulâncias e profissionais de saúde.

Visitei zonas de conflito na Síria, Iêmen, Nigéria e Afeganistão e vi com os meus próprios olhos os efeitos brutais dos ataques contra os civis, hospitais e outros serviços básicos. As pessoas com as quais conversei faziam eco a muitas das opiniões destacadas neste relatório. A maioria dos entrevistados nos países afetados pelo conflito acreditam que devem haver limites à maneira como as guerras são travadas. Os resultados parecem indicar que aqueles que vivenciaram o pior da guerra acreditam que as normas salvam vidas. Essas constatações devem inspirar a todos nós para fazermos mais para garantir que as normas da guerra sejam respeitadas.

Também parece que as pessoas acreditam que os líderes militares e companheiros combatentes têm forte influência na conduta dos combatentes. Isso ressalta a importância do papel único que o CICV tem em estabelecer um diálogo com todas as partes e conscientizar sobre o Direito da Guerra, também conhecido como Direito Internacional Humanitário (DIH). No entanto, se devemos fortalecer a crença nas normas, os Estados devem assegurar que aqueles que as violam sejam responsabilizados.

As normas da guerra estabelecem limites. Guerras sem limites são guerras sem fim. E guerras sem fim significam sofrimento interminável. Não podemos permitir que fiquemos atônitos ao sofrimento humano.

Peter Maurer

I. Malla/CICV

Neil Bonner

MINHA PERSPECTIVA

POR GILES DULEY, FOTOJORNALISTA

Durante uma década trabalhei como fotógrafo documentando os efeitos devastadores da guerra sobre os civis. De Angola a Gaza, do Iraque ao Camboja, fui testemunha de como os métodos modernos de guerra destroem corpos, mentes e vidas.

Em 2011, enquanto trabalhava no Afeganistão, a minha própria história refletiria as que eu documentava. Em Kandahar, pisei em uma mina terrestre. O incidente quase me levou à morte e sofri a amputação de três membros.

Passei um ano no hospital me recuperando dos ferimentos. A minha vida mudou completamente: me disseram que não poderia voltar a caminhar, nem viver de maneira independente. Mesmo assim, milagrosamente, 18 meses depois eu estava trabalhando de novo. Comecei a perceber que os meus ferimentos, na verdade, tinham me dado um dom: me deram uma maior empatia e compreensão pelas pessoas que eu fotografava.

Uma das coisas mais importantes no meu trabalho é dedicar um tempo para realmente ouvir as histórias das pessoas afetadas pelo conflito. O relatório Vozes da Guerra 2016 oferece uma visão sobre como a guerra é percebida e o que mais precisa ser realizado para limitar os seus efeitos sobre os civis.

Depois da minha recuperação, voltei ao Afeganistão. No centro de colocação de membros artificiais do CICV, conheci Ataqullah, de sete anos, que recebia uma prótese para a perna. Poucos meses depois, ele pisou em uma mina terrestre quando ia para a escola e perdeu um braço e uma perna. Era doloroso ver um menino, que deveria estar brincando com os amigos, ter de se esforçar para dar pequenos passos.

Por que continuo fazendo o que faço? É simples: por crianças como Ataqullah. Enquanto tirava a foto dele, pensava na dor que sinto todos os dias, tanto física como mental, e me perguntava porque um menino tem de passar por isso, simplesmente porque estava indo para a escola.

Todos os dias, existem milhares de crianças que poderiam se ferir como Ataqullah. Em uma época em que tantas regiões estão em conflito e os códigos de conduta são cada vez mais ignorados, devemos lançar luz sobre a importância de se respeitarem as normas da guerra para proteger as vidas dos civis.

P. J. De Pue/CICV

É essencial que as normas de guerra sejam respeitadas para impedir o sofrimento dos civis.

VOZES DA GUERRA 2016

Entre junho e setembro de 2016, mais de 17 mil pessoas em 16 países foram entrevistadas para se conhecer o que opinam de diversas questões relacionadas com a guerra. A enquete foi realizada pelo grupo WIN/Gallup International e pelos seus parceiros nos respectivos países. Algumas das questões foram reproduzidas aqui exatamente como foram elaboradas durante as entrevistas, junto com infográficos que detalham as respostas dos entrevistados. Algumas perguntas já haviam sido feitas na última pesquisa Vozes da Guerra, realizada há quase 20 anos, em 1999, permitindo assim uma comparação entre uma época e outra.

PRINCIPAIS CONSTATAÇÕES

- As pessoas que moram em países afetados pela guerra acreditam que as normas são importantes. Mais de dois terços de todos os entrevistados pensam que ainda faz sentido impor limites às guerras. Quase a metade das pessoas que participaram da enquete em países afetados por conflitos ainda acreditam que as Convenções de Genebra impedem que as guerras sejam ainda piores.
- Os resultados da pesquisa destacam que a violência contra a assistência à saúde é inaceitável. Mais de três quartos das pessoas entrevistadas acreditam que atacar hospitais, ambulâncias e profissionais de saúde está errado.
- Comparados com os resultados de 1999, existe um nível maior de aceitação entre as pessoas que moram nos países P5 e na Suíça de que a morte de civis em zonas de conflito é uma parte inevitável da guerra.
- Nas últimas décadas, houve uma mudança nas atitudes do público com relação à tortura. Dois terços de todos os entrevistados em 2016 disseram que torturar está errado. Mas quando perguntados especificamente sobre se um combatente inimigo pode ser torturado ou não, menos pessoas discordavam agora do que em 1999. Além disso, existe um significante aumento no número de pessoas que não sabem ou preferem não responder.
- Há uma desconexão entre a opinião pública e as políticas e ações dos Estados e grupos armados. As violações das normas da guerra - incluindo ataques contra os civis, profissionais humanitários e hospitais - persistem, ainda assim os resultados da pesquisa claramente demonstram que a maioria das pessoas entende que essas práticas estão erradas e que os civis e profissionais e estabelecimentos de saúde devem ser protegidos.

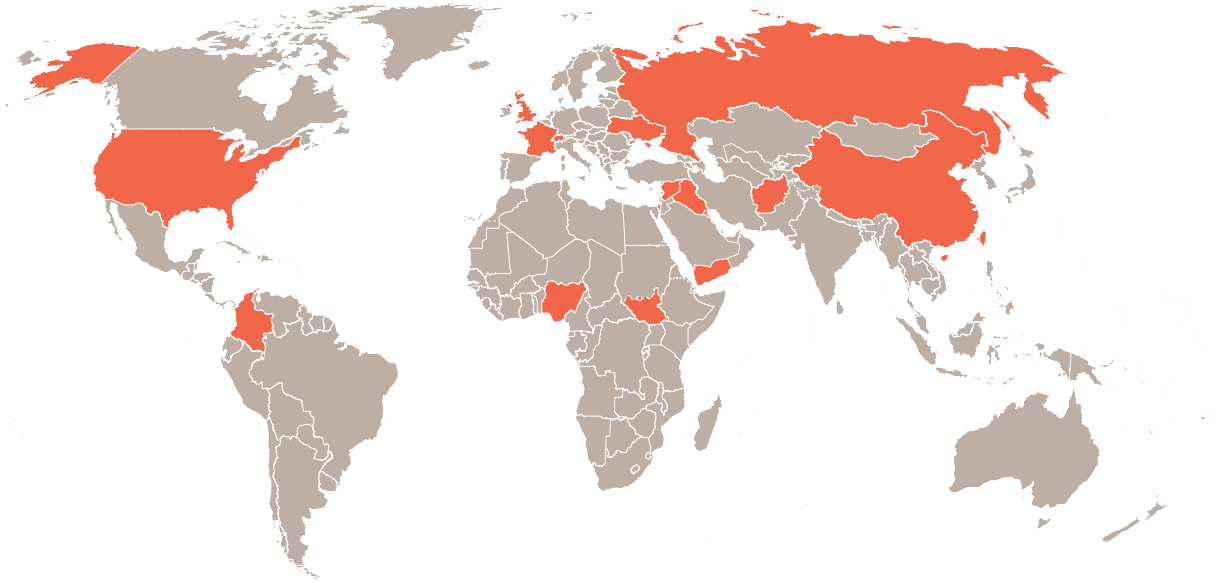
UM CHAMADO À AÇÃO

- Todas as partes em conflito, incluindo os grupos armados não internacionais, são lembrados das suas obrigações segundo o Direito Internacional Humanitário de respeitar e fazer respeitar a vida e a dignidade humanas. O apoio às partes em um conflito armado deveria depender de que estejam cumprindo essas normas.
- Os estados e grupos armados precisam demonstrar uma maior vontade política para encontrar maneiras de fortalecer o respeito ao Direito Internacional Humanitário, incluindo a responsabilização daqueles que violam as suas normas.
- Negar atendimento médico às pessoas feridas e doentes em conflitos armados é uma violação das normas da guerra. Todas as partes devem ter em mente que a sua conduta e a maneira como tratam as pessoas, incluindo os combatentes inimigos feridos, importam e podem ter um impacto sobre como as comunidades se recuperam após o fim dos enfrentamentos.
- A tortura é ilegal e inaceitável em qualquer circunstância. Todas as partes devem respeitar as normas. A tortura é uma afronta à humanidade e não torna a nossa sociedade mais segura. Os torturadores devem ser julgados e punidos.

Mais informações:
www.icrc.org/vozesdaguerra

VOZES DA GUERRA

PAÍSES ONDE AS PESSOAS FORAM ENTREVISTADAS



AFEGANISTÃO
O Afeganistão sofre há décadas com o conflito e a instabilidade. Durante mais de 30 anos, o CICV apoia as comunidades e os estabelecimentos de assistência à saúde, administrando centros de reabilitação física, visitando pessoas detidas e ajudando-as a manterem contato com as suas famílias.

CHINA
A China é um dos cinco membros permanentes do Conselho de Segurança da ONU[1]. A delegação regional do CICV no leste asiático está em Pequim desde 2005.

COLÔMBIA
Após mais de cinco décadas de conflito armado, a Colômbia ainda enfrenta o grande desafio de atender as necessidades de uma população assustada pela violência. O CICV trabalha nas comunidades afetadas por conflitos há mais de 40 anos.

ESTADOS UNIDOS
Os Estados Unidos são membro permanente do Conselho de Segurança da ONU e membro da OTAN. O CICV conta com uma delegação regional em Washington desde 1995.

FRANÇA
A França é membro permanente do Conselho de Segurança da ONU e parte da OTAN.[2] O CICV conta com um escritório em Paris desde 1996.

IÊMEN
O Iêmen sofre com a violência e a instabilidade política há mais de 50 anos. O ressurgimento da violência armada, desde março de 2015, custou a vida de milhares de civis e deslocou milhões de pessoas. O CICV está presente no Iêmen desde 1962.

IRAQUE
Durante décadas, o Iraque vem sendo afetado por ciclos de enfrentamentos, crises de refugiados e violência étnica. O CICV trabalha no país de 1980, concentrando-se no bem-estar das pessoas detidas, nas pessoas desaparecidas e no apoio aos civis afetados pela violência.

ISRAEL
Israel está envolvido em um conflito com a Palestina desde a sua criação, em 1948. O CICV está presente no país desde 1967; as equipes em Jerusalém e Tel Aviv se concentram na proteção dos civis e no bem-estar das pessoas detidas em prisões israelenses e palestinas.

NIGÉRIA
Milhões de pessoas na Nigéria estão afetadas pelo conflito na região do Lago Chade, confrontos étnicos e violência urbana. As equipes do CICV protegem e assistem as pessoas afetadas pela violência, em particular, no nordeste do país.

PALESTINA
O conflito de longa data com Israel continua afetando o dia a dia dos palestinos. O trabalho do CICV nos territórios ocupados se concentra na proteção dos civis que vivem sob a ocupação e no bem-estar das pessoas detidas em prisões israelenses e palestinas.

REINO UNIDO
O Reino unido é membro permanente do Conselho de Segurança da ONU e membro da OTAN. O CICV conta com uma missão em Londres desde 2003.

RÚSSIA
A Rússia é membro permanente do Conselho de Segurança da ONU. O CICV conta com uma delegação regional em Moscou desde 1992.

SÍRIA
(SÍRIOS NO LÍBANO)[3]
O conflito na Síria e a subsequente crise migratória chegou ao Líbano. Estima-se que o número de sírios que vivem nesse país atualmente seja de 1,5 milhão. O CICV assiste os sírios e as comunidades que os acolhem em todo o país.

SUDÃO DO SUL
Desde a sua independência, em julho de 2011, o Sudão do Sul está devastado pelo conflito e pela instabilidade política. O CICV ajuda as comunidades afetadas pelo conflito, reúne famílias separadas pela violência e visita lugares de detenção.

SUÍÇA
A Suíça é o berço do CICV e das Convenções de Genebra, além de sediar diversos organismos internacionais. A sede o CICV está em Genebra.

UCRÂNIA
O leste da Ucrânia vem sendo afetado por hostilidades nos últimos dois anos. O conflito continua impactando nas vidas da população civil.

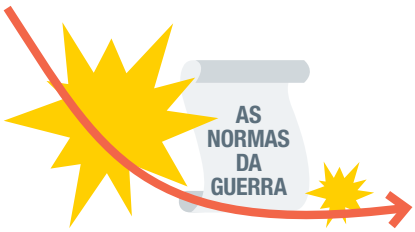
Ao longo deste relatório, os resultados da pesquisa estão agrupados da seguinte maneira:

- Países P5 e Suíça:[4] Os cinco países membros permanentes do Conselho de Segurança da ONU (China, Estados Unidos, França, Reino Unido e Rússia) e Suíça
- Países afetados por conflitos armados: Afeganistão, Colômbia, Iêmen, Iraque, Israel, Nigéria, Palestina, Síria, Sudão do Sul e Ucrânia

[1] Conselho de Segurança: O Conselho de Segurança das Nações Unidas é um dos seis principais órgãos das Nações Unidas e é o responsável pela manutenção da paz e da segurança internacionais.
[2] OTAN: Organização do Tratado do Atlântico Norte. É uma aliança de países da América do Norte e da Europa comprometidos com cumprir as metas do Tratado do Atlântico Norte.
[3] Devido a considerações operacionais, a pesquisa não foi realizada na Síria; as vozes sírias foram incluídas com base em uma enquete realizada no Líbano.
[4] Estejam envolvidos ou não em conflitos armados.

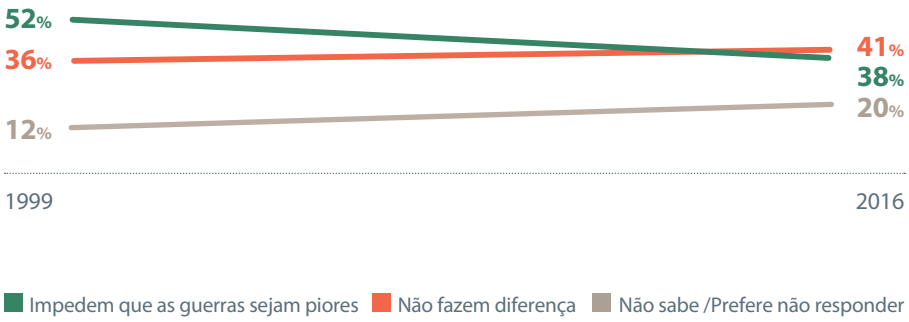
As fronteiras, nomes e designações usados neste documento não implicam um endosso oficial, nem expressam uma opinião política por parte do CICV e sem prejuízo às reivindicações de soberania sobre os territórios mencionados.

PERSPECTIVAS SOBRE AS NORMAS DA GUERRA



Você acredita que as Convenções de Genebra impedem que as guerras sejam piores ou elas não fazem nenhuma diferença?[1]

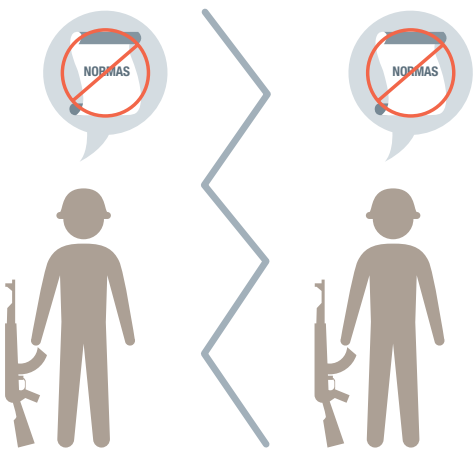
Desde 1999, o número de pessoas que acreditam que as Convenções de Genebra impedem que as guerras sejam piores diminuiu de maneira significativa. No entanto, em 2016 quase metade das pessoas entrevistadas em países afetados por conflitos armados ainda acreditam que as Convenções de Genebra são efetivas.[2] O número de pessoas que não sabem ou preferem não responder aumentou nas últimas duas décadas.

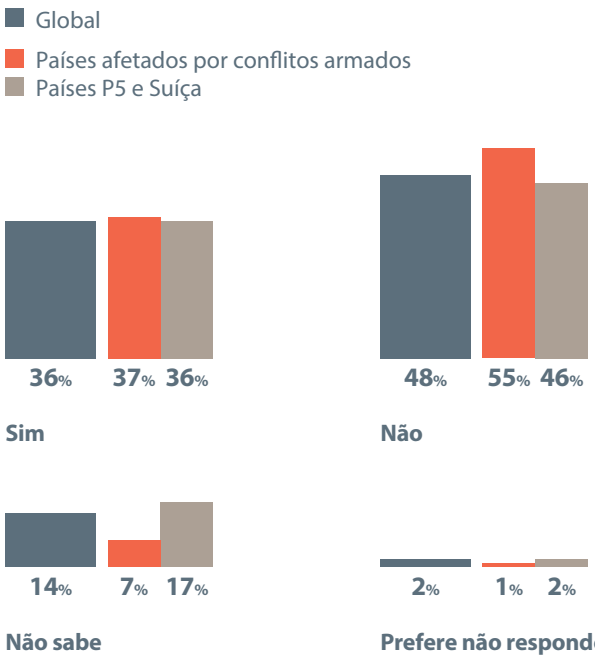


[1] Esta pergunta foi respondida apenas pelas pessoas cientes da existência do Direito Internacional Humanitário e das Convenções de Genebra.
[2] 49% das pessoas que vivem em países afetados por conflitos armados responderam que as Convenções de Genebra impedem que as guerras sejam piores.

Se os combatentes de um lado não respeitam as normas da guerra, os combatentes do lado adversário têm o direito de desrespeitarem essas normas também?

Quase todos os entrevistados acreditam que a falta de respeito por um lado não dá direito a que o adversário faça o mesmo. Isso é particularmente verídico em países afetados por conflitos.

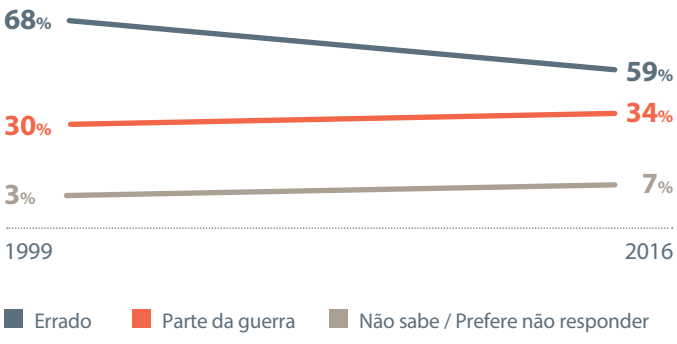




CONDUTA NA GUERRA

E se os combatentes inimigos atacarem uma cidade ou povoado habitado por civis para enfraquecer o adversário, sabendo que muitos civis podem ser mortos, isso está errado ou simplesmente é parte da guerra?

Quase 6 de cada 10 entrevistados pensam que essa prática está errada. É uma queda de 10% com relação a 1999. Há um forte contraste entre as opiniões das pessoas que vivem em países afetados por conflitos (onde quase 8 de cada 10 entrevistados acredita que está errado) e aqueles que vivem nos países P5 e Suíça, (onde apenas metade é dessa mesma opinião[1]).



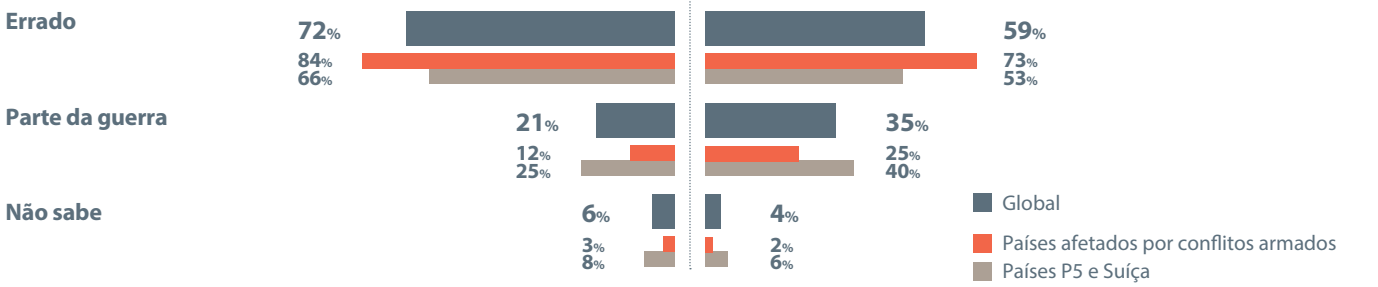
[1] Na pesquisa de 2016, 78% das pessoas que vivem em países afetados por conflitos armados e 50% das pessoas que vivem nos países P5 e Suíça responderam que esta prática está errada.

E se forem atacados monumentos religiosos e históricos para enfraquecer o adversário: esta prática está errada ou simplesmente é parte da guerra?

No geral, a maioria dos entrevistados pensa que está errado, em particular nos países afetados por conflitos.

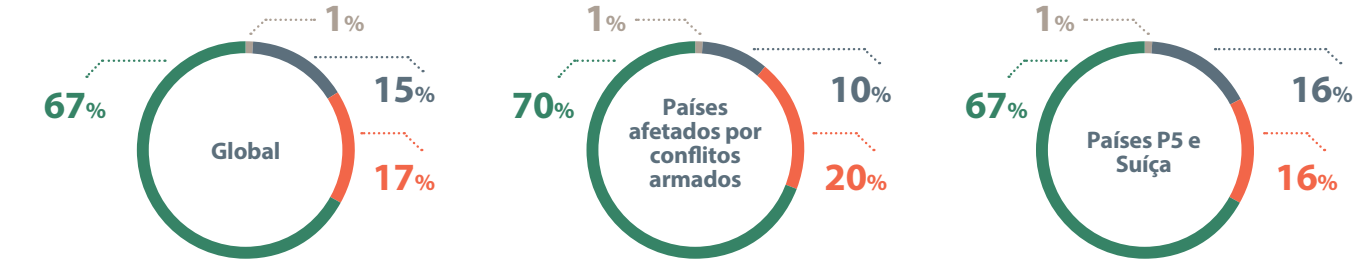
Os profissionais humanitários são muitas vezes feridos ou mortos enquanto prestam ajuda em zonas de conflito, isto está errado ou simplesmente é parte da guerra?

No geral, apenas 59% das pessoas acreditam que está errado. Nos países P5 e Suíça, apenas metade dos entrevistados acredita que está errado, enquanto 40% consideram que é parte da guerra.



As Convenções de Genebra de 1949 foram adotadas logo após a Segunda Guerra Mundial, há quase 70 anos. Os métodos de guerra são muito diferentes hoje, ainda faz sentido impor limites às guerras?[2]

No geral, mais de dois terços de todos os entrevistados pensam que ainda faz sentido impor limites às guerras. O número é ligeiramente mais elevado nos países afetados por conflitos armados.

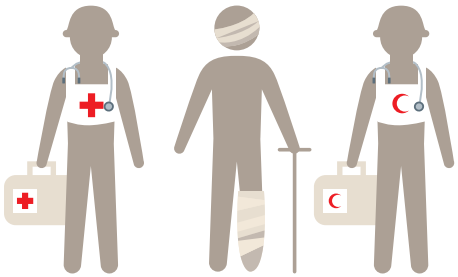


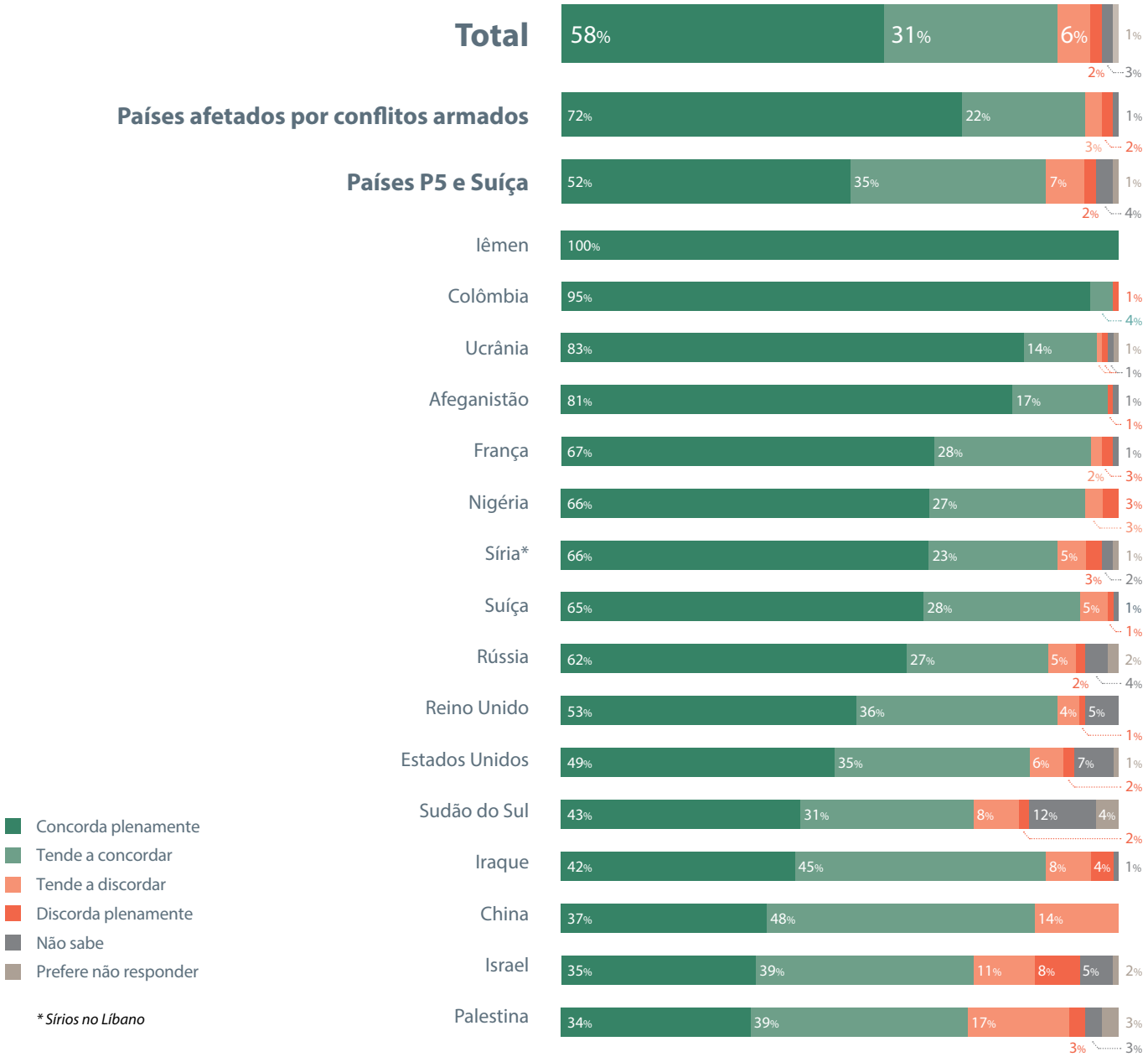
[2] Esta pergunta foi feita a apenas 67% dos entrevistados que disseram estar cientes da existência do Direito Internacional Humanitário e das Convenções de Genebra.

ASSISTÊNCIA À SAÚDE EM PERIGO

Até que ponto você concorda ou discorda com a seguinte declaração? Todas as pessoas feridas e doentes durante um conflito armado têm direito à assistência à saúde.

Quase 9 de cada 10 entrevistados concorda que todos os feridos e doentes em conflitos armados têm direito à assistência à saúde. Quase todos que responderam em países afetados por conflitos armados disseram que concordam.



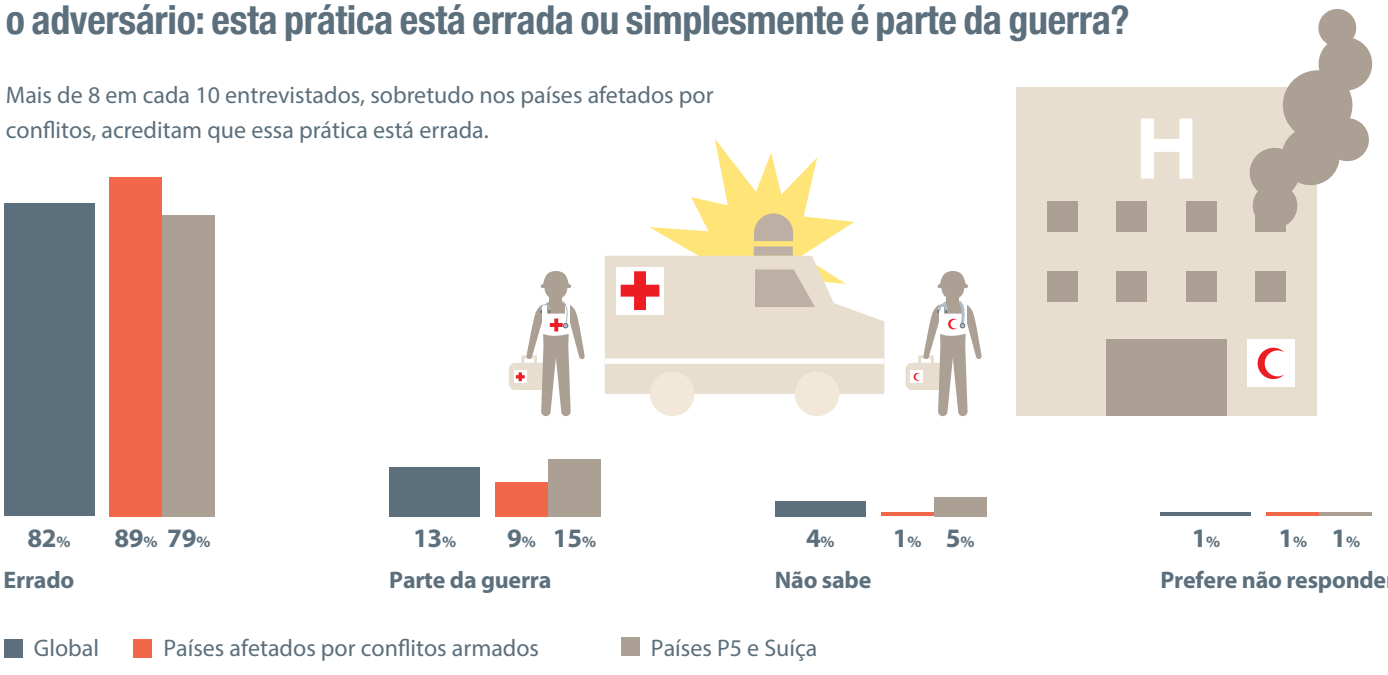


** Sírios no Líbano*

ASSISTÊNCIA À SAÚDE EM PERIGO

E se forem atacados hospitais, ambulâncias e profissionais de saúde para enfraquecer o adversário: esta prática está errada ou simplesmente é parte da guerra?

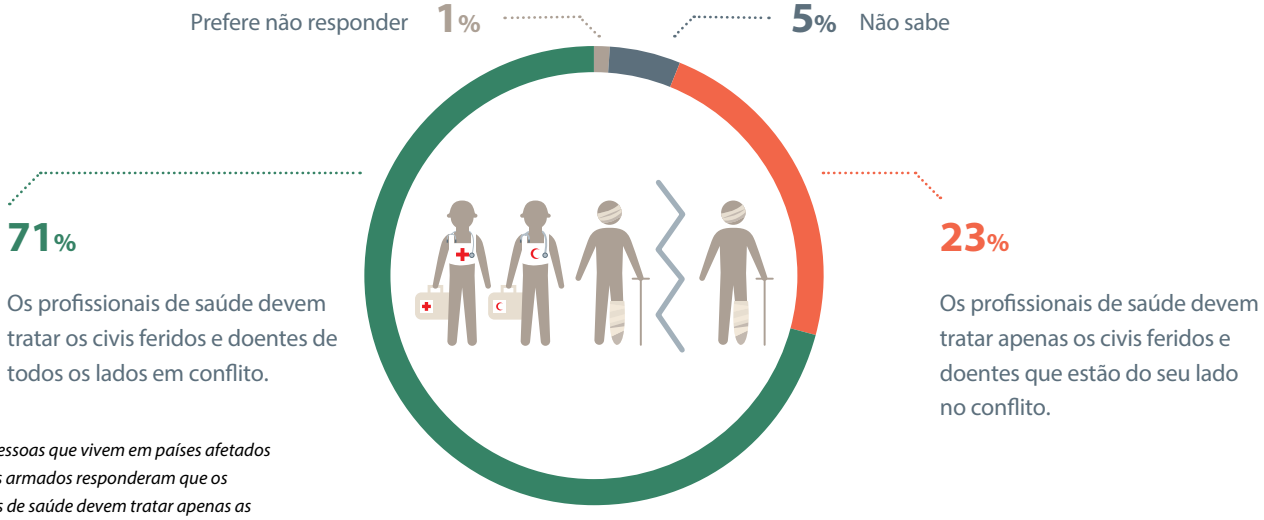
Mais de 8 em cada 10 entrevistados, sobretudo nos países afetados por conflitos, acreditam que essa prática está errada.



No contexto de um conflito armado, que afirmação descreve melhor a sua opinião pessoal?

a. Os profissionais de saúde devem tratar apenas os civis feridos e doentes que estão do seu lado no conflito.
b. Os profissionais de saúde devem tratar os civis feridos e doentes de todos os lados em conflito.

No geral, 7 em cada 10 entrevistados acredita que os profissionais de saúde devem tratar os civis feridos e doentes de todos os lados em conflito. Ainda assim, ao mesmo tempo, um quarto dos entrevistados acredita que os profissionais de saúde devem atender somente as pessoas que estão do seu lado no conflito. Essa opinião ocorreu mais vezes em países afetados por conflitos.*



** 25% das pessoas que vivem em países afetados por conflitos armados responderam que os profissionais de saúde devem tratar apenas as pessoas do seu lado no conflito.*

TORTURA

Dois terços de todos os entrevistados afirmam que torturar está errado. Mas, em comparação com 1999, um número significativamente maior de pessoas em 2016 acredita que um combatente adversário pode ser torturado para se obter informações. Ao mesmo tempo, o número de pessoas que não sabe ou prefere não responder também aumentou de maneira significativa. Em termos de atitude frente à tortura, a enquete revela uma ampla variedade de opiniões nos 16 países, conforme ilustrado nas tabelas a seguir. Uma proporção significativamente mais elevada de pessoas em países afetados por conflitos concordam que um combatente adversário capturado por ser torturado.

E quanto à tortura, esta prática está errada ou é parte da guerra?[1]

Errado **66%**

Parte da guerra **27%**

Não sabe **5%**

Prefere não responder **2%**

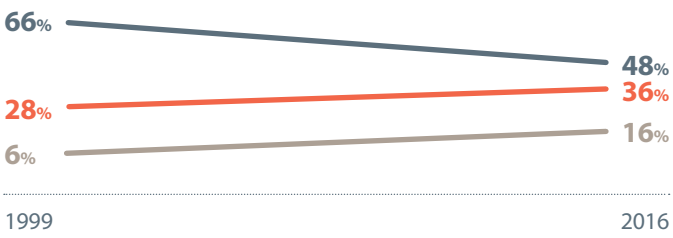
Um combatente inimigo capturado pode ser torturado para se obter importantes informações militares?

Não **48%**

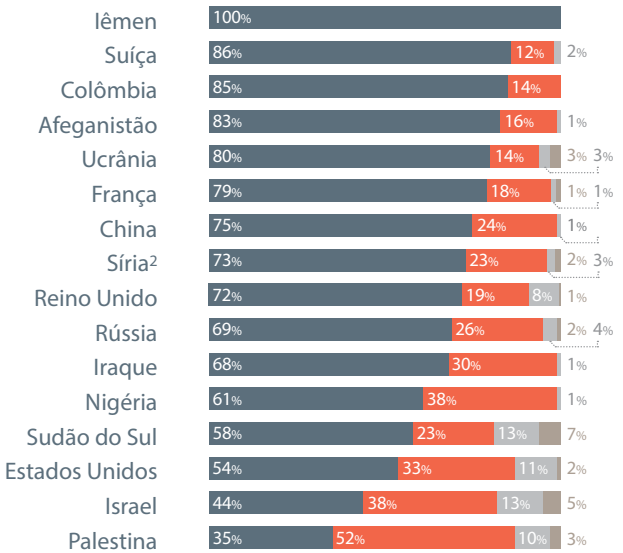
Sim **36%**

Não sabe **13%**

Prefere não responder **3%**

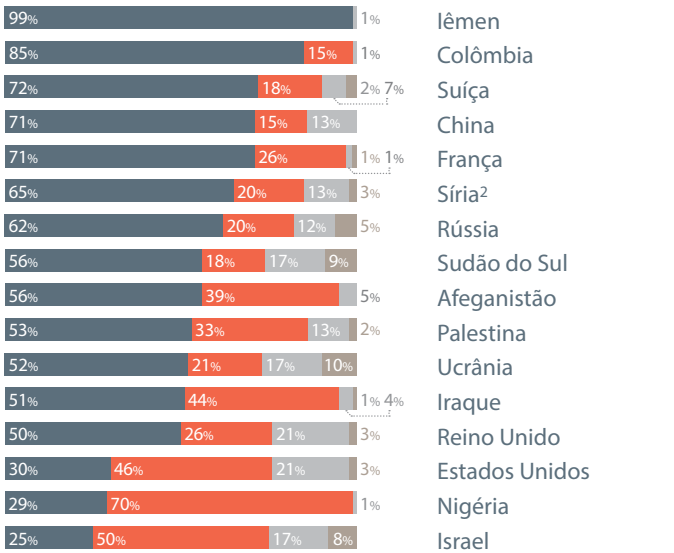


[1] *Uma comparação entre 1999 e 2016 não foi possível porque esta pergunta não constava na enquete original.*



[2] *Sírios no Líbano*

Errado · Parte da guerra · Não sabe · Prefere não responder

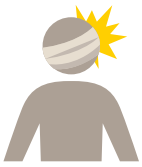


Não · Sim · Não sabe · Prefere não responder

TORTURA

Como você considera que a tortura afeta os indivíduos envolvidos?

Quando perguntados sobre os diversos efeitos da tortura, uma maioria esmagadora reconheceu que existem consequências de algum tipo. Significativamente, um elevado número de entrevistados afirmou que tanto as pessoas torturadas, como as que torturam eram afetadas.

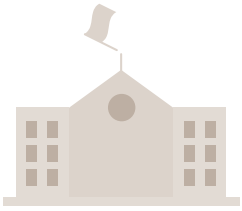


61%
Deixa marcas físicas e psicológicas na pessoa torturada.

43%
Desumaniza as vítimas e os torturadores.

40%
Causa danos psicológicos no torturador.

31%
Destrói a reputação da sociedade.



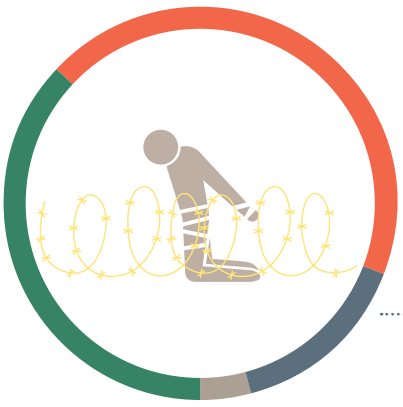
27%
Debilita a integridade de um sistema político da sociedade.

4%
Nenhuma das alternativas acima

4%
Prefere não responder

A sua opinião seria diferente se soubesse que a tortura é considerada ilegal, desde que foi proibida pela Convenção da ONU contra a Tortura, ratificada por 159 países, incluindo o seu?*

Mesmo depois serem informados que a tortura está proibida por lei, quase 60% dos entrevistados continuam acreditando que a tortura de um combatente inimigo é, em alguns casos ou sempre, aceitável.



37%
Sim, não sabia que o meu país tinha concordado em proibir a tortura.

44%
Não, ainda penso que a tortura é aceitável em alguns casos.

15%
Não, acho que a tortura é aceitável sempre. É parte da guerra.

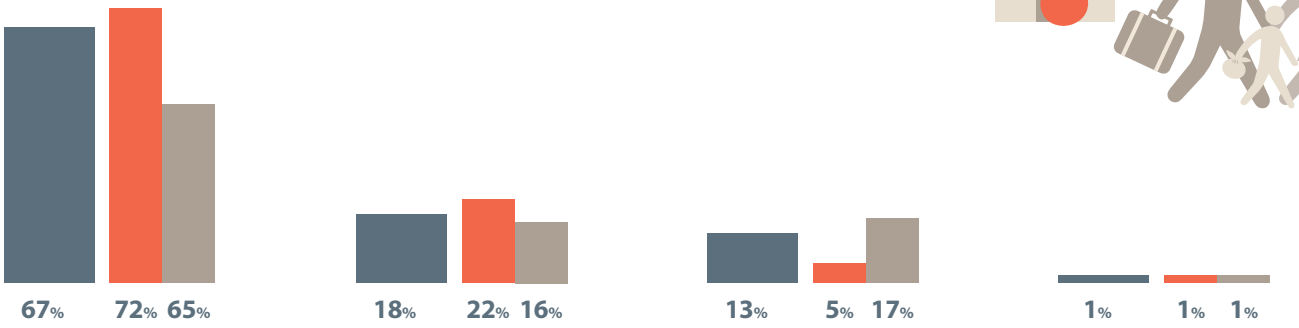
4%
Prefere não responder

**Esta pergunta foi feita apenas para as pessoas que consideravam aceitável que os combatentes inimigos capturados poderiam ser torturados.*

MIGRAÇÃO

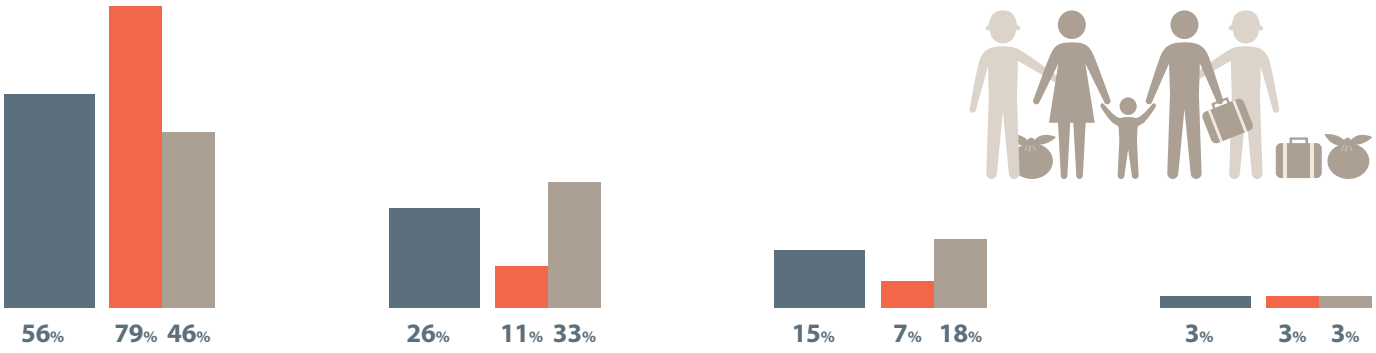
Se o respeito pelas normas da guerra fosse maior por parte dos combatentes, você acredita que os civis estariam menos inclinados a fugir dos seus países?

Mais de dois terços de todos os entrevistados acreditam que os civis estariam menos inclinados. Este número é significativamente mais elevado nos países afetados por conflitos armados.



Você gostaria de ver mais ou menos assistência humanitária por parte do seu país para ajudar as pessoas que fugiram dos seus países devido ao conflito armado?

No total, mais de 50% dos entrevistados gostariam de ver mais envolvimento. No entanto, existe um forte contraste entre os resultados dos países P5 e Suíça, nos quais apenas 46% estão em favor de mais assistência quando se refere à migração, e os dos países afetados por conflitos, nos quais 79% das pessoas acreditam que se deve prestar mais assistência.



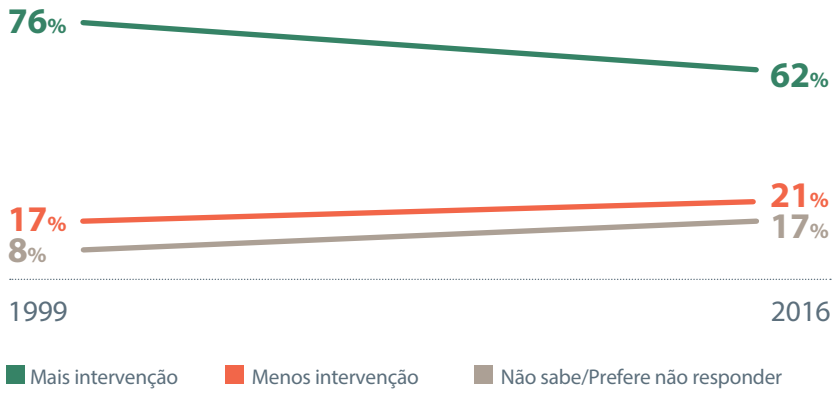
S. Dabbakeh/CICV

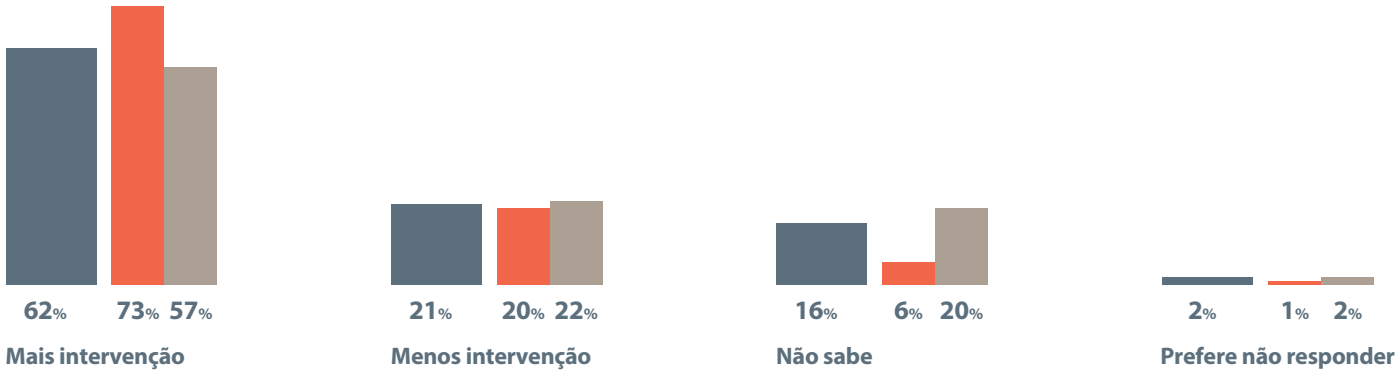
Se as normas da guerra fossem respeitadas, menos pessoas fugiram dos seus países.

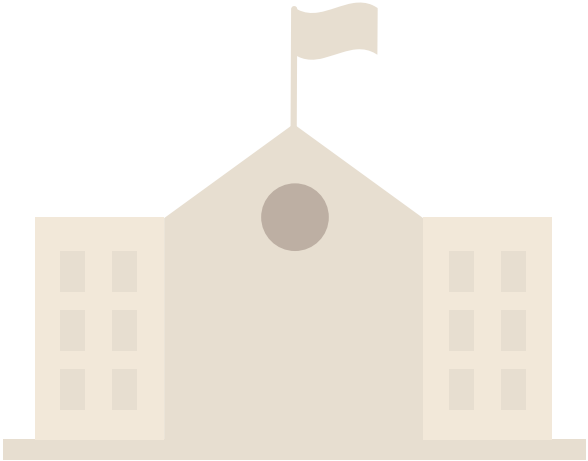
INTERVENÇÃO POLÍTICA

No futuro, você gostaria de ver mais ou menos intervenção política da comunidade internacional para ajudar a pôr um fim às violações das normas da guerra?

Uma proporção significativamente mais elevada de pessoas entrevistadas em 2016 em países afetados por conflitos quer ver mais intervenção política para ajudar a pôr um fim às violações das normas da guerra. Porém, no geral, a proporção de pessoas a favor de mais intervenção política diminuiu de maneira significativa desde 1999.







REDUÇÃO DO NÚMERO DE VÍTIMAS

Abaixo se encontra uma lista de diferentes maneiras de reduzir o número de vítimas de guerra. Classifique cada opção dentro da escala de “não é muito importante”, “um pouco importante”, “de alguma maneira importante” e “extremamente importante”.

As opções “extremamente importante” e "de alguma maneira importante” podem ser vistas nas porcentagens abaixo.

74%
Aumentar a efetividade das normas e regras que limitam o que os combatentes podem fazer nas guerras.

74%
Aumentar a responsabilização pelas atrocidades por intermédio de tribunais internacionais.

71%
Aumentar a precisão das armas para reduzir o número de vítimas não intencionais.

69%
Aumentar a cobertura da mídia dessas guerras para que as atrocidades sejam expostas.

58%
Diminuir o número de armas disponíveis para soldados e combatentes no mundo.

Quase três quartos de todos os entrevistados pensam que aumentar a efetividade das normas da guerra e a responsabilização por intermédio de tribunais internacionais ajudariam a diminuir o número de vítimas de guerras. Por outro lado, quando se perguntou como e o que influencia a conduta dos combatentes, os entrevistados classificaram que a ameaça de punição por tribunais internacionais como o fator de menor importância. Os líderes militares e companheiros combatentes eram considerados as principais influências nos que se refere à conduta dos combatentes.

Da lista abaixo, quem ou o que influencia a conduta dos combatentes em tempos de guerra? Classifique cada opção abaixo em uma escala de “não influencia”, “pouca influência”, “forte influência” e “influencia completamente”.

As opções “influencia completamente” e “forte influência” podem ser vistas abaixo.

81%
Líderes militares

67%
Companheiros combatentes

55%
Líderes comunitários

55%
Líderes religiosos

50%
Ameaça de punição por tribunais internacionais

50%
Ameaça de punição por tribunais nacionais

J. Arredondo/CICV

O respeito às normas da guerra pode reduzir o número de vítimas.

AS NORMAS DA GUERRA SÃO UNIVERSAIS.

SOBRE A TORTURA

A tortura e todas as formas de maus-tratos estão absolutamente proibidas por um Tratado Internacional e pelo Direito Consuetudinário. Isso se aplica a todos os Estados e a todas as partes em conflito. Não há exceções, sejam quais forem as circunstâncias. Comunidades inteiras sofrem o impacto dos efeitos corrosivos da tortura na sociedade, sobretudo quando esta não é punida, gerando ódio e desencadeando um ciclo de violência. Mais do que isso, as pesquisas mostram que a tortura não funciona, já que as "informações" obtidas em geral não são confiáveis.

SOBRE A ASSISTÊNCIA À SAÚDE

Todas as pessoas têm direito à assistência à saúde durante os conflitos armados, sem importar a que lado pertencem ou o seu posicionamento político ou de outra natureza. Os ataques contra os profissionais, estabelecimentos ou veículos de saúde são ilegais segundo as normas da guerra. Os profissionais de saúde não podem ser atacados por atenderem os inimigos doentes e feridos. O médico que atende o seu inimigo não é seu inimigo. Um prisioneiro ferido ou doente deve receber o tratamento médico adequado.

SOBRE OS CIVIS

Atacar deliberadamente os civis está proibido, assim como os ataques indiscriminados contra cidades e vilarejos. Todas as precauções possíveis devem ser tomadas para evitar causar danos contra os civis e as suas casas ou destruir os seus meios de subsistência, como fontes de água, plantações, gado, etc. Os civis têm direito a receber a ajuda que precisam e atacar as equipes de ajuda e profissionais de saúde está proibido.

SOBRE A MIGRAÇÃO

As pessoas nos países afetados por conflitos não fogem das suas casas por capricho. Existe uma relação direta entre as flagrantes violações das normas da guerra e o deslocamento forçado. As políticas de migração deveriam ser como as políticas humanitárias, isto é, fundamentadas no princípio de humanidade. Os migrantes vulneráveis precisam de assistência particular, sem importar o seu status legal ou o termo usado para se referir a eles. A detenção de migrantes deveria ser o último recurso e os Estados devem respeitar o princípio de *non-refoulement* (uma pessoa não pode ser enviada de volta a um lugar onde os seus direitos fundamentais são ameaçados).

J. Zocherman/CICV

A maneira como as pessoas são tratadas durante conflitos armados importa e pode ter um impacto na forma como essas comunidades se recuperam após o fim dos enfrentamentos.

METODOLOGIA DE PESQUISA

Vozes da Guerra 2016 reflete as perspectivas das pessoas em 16 países. Não é um estudo acadêmico, mas, sim, uma indicação do que as pessoas nos países afetados por conflitos armados e outras que vivem em cinco países membros permanentes do Conselho de Segurança e na Suíça pensam sobre diversas questões relacionadas com a guerra.

- A pesquisa foi realizada em 16 países, entre junho e setembro de 2016, por meio de entrevistas on-line, pessoalmente, telefônicas assistidas por computador a aproximadamente 800, 1.000 ou 5.000 adultos com idade de 18 a 70; a metodologia, o momento e o tamanho da amostra dependiam do país.
- Foram usadas amostras aleatórias em 15 países. Devido a considerações operacionais, a pesquisa não foi realizada na Síria. Em vez disso, os entrevistados eram cidadãos sírios que atualmente moram no Líbano. O parceiro local do grupo WIN/Gallup International no Líbano usou uma pessoa como contato inicial e uma amostragem por "bola de neve", na qual esse entrevistado indicava outros sírios no Líbano para entrevista.
- Os resultados foram ponderados para assegurar uma amostragem representativa da população em questão.
- Os números apresentados foram arredondados e o somatório deles nos gráficos e tabelas (com base nos números reais antes de serem arredondados) pode não corresponder à adição manual dos números arredondados.
- Os resultados apresentam diferenças importantes e estatisticamente significativas (que são testadas com base e cálculos de proporção e tamanho da amostra) estão indicados dentro do texto que acompanha a visualização de dados.
- Para obter informações detalhadas sobre, por exemplo, o questionário completo da pesquisa, o tamanho das amostras, a metodologia e onde foram realizadas por país, consulte www.icrc.org/vozesdaguerra.

MISSÃO

O Comitê Internacional da Cruz Vermelha (CICV) é uma organização imparcial, neutra e independente cuja missão exclusivamente humanitária é proteger a vida e a dignidade das vítimas dos conflitos armados e de outras situações de violência, assim como prestar-lhes assistência. O CICV também se esforça para evitar o sofrimento por meio da promoção e do fortalecimento do direito e dos princípios humanitários universais. Fundado em 1863, o CICV deu origem às Convenções de Genebra e ao Movimento Internacional da Cruz Vermelha e do Crescente Vermelho. A organização dirige e coordena as atividades internacionais que o Movimento conduz nos conflitos armados e em outras situações de violência.

CICV

4291/007 12.2016